

POR UMA GEOGRAFIA DO CONTESTADO PARANAENSE: O SERTÃO DESPREZADO E MUNDO CABOCLO NEGADO

Nilson Cesar Fraga¹

João Paulo Chiaretto²

Carlos Vinicius Medeiros Souza³

Randher Orlando Rojo Lima⁴

Resumo

O presente ensaio tem por objetivo refletir sobre uma Geografia do Contestado Paranaense, considerando ser essa região secularmente desprezada pelas políticas públicas estaduais, sobretudo depois da Guerra do Contestado, quando as elites do estado passaram a negar o mundo caboclo optando pela reocupação das terras caboclas por imigrantes Europeu, em um processo de branqueamento da população regional. São feitas relações geográficas no sentido de entender tal processo que envolve as escolhas da Geografia brasileira e regional, que negligencia os movimentos socioterritoriais pretéritos da formação nacional.

Palavras-chave:

Desde 2000 estamos traçando uma Geografia do (para o) Contestado Paranaense, ligando o Contestado e sua guerra ao mundo vivido pelo povo caboclo, tomando como base o sertão desprezado pela Geografia paranaense, tanto no passado, quanto no presente – os filhos e as filhas daquela terra, outrora manchada de sangue no maior levante popular dentre os movimentos socioterritoriais brasileiros, se reterritorializa a partir do reconhecimento de si no mundo vivido do Contestado, notadamente por meio dos grupos e suas ações de povos tradicionais do Paraná, dentre eles, caboclos/as, caiçaras, faxinalenses, quilombolas dentre outros.

¹ Professor Adjunto do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina (UEL) – ncfraga@uel.br . ncfraga@uel.br

² joaochiaretto72@gmail.com

³ carlos.vinicius@uel.br

⁴ randher21orlando@gmail.com

Desde então, buscamos demarcar o território que envolveu a guerra e a resistência cabocla, para tanto, nessas mais de duas décadas, foram feitos numerosos trabalhos de campo, alcançando, praticamente, todos os locais marcados por redutos caboclos, por batalhas e por acampamentos militares das forças legalistas republicanas. Mas, ao mesmo tempo, foi possível reconhecer locais onde vivia o povo caboclo, sem que esses tivessem sido marcados pela notoriedade dos combates ou as grandes aglutinações daquele povo na literatura histórica do Contestado.

Para vincular o povo caboclo ao seu território, no passado e no presente, considerando uma relação espaço-tempo, alcunhamos o termo contestadense (FRAGA, 2019) para os que lá viviam e vivem, isso em 2006, quando promovemos, com o Museu Paranaense, uma exposição sobre os 90 anos do Acordo de Limites entre o Paraná e Santa Catarina – exposição que teve grande repercussão em Curitiba e no Paraná, onde o Contestado é negligenciado e, mesmo negado, por haver entre as elites políticas, a sensação de ter perdido a dita guerra-território.

Os trabalhos de campo para reconhecimento dos sítios históricos, geográficos e arqueogeográficos foram ampliados desde 2007, culminando com grande esforço de viagens exploratórias entre 2012 e 2019, quando se percorreu mais de 350 mil quilômetros e pela região da Guerra do Contestado, isso incluindo a parte paranaense e catarinense. A Geografia e sua constelação de conceitos, exige que se vá ao campo, que se comprove os pressupostos da relação espaço-tempo, relação tão cara aos geógrafos e geógrafas nos obrigando estar no Contestado levando os projetos de pesquisa e extensão até a população cabocla.

Os conceitos geográficos não podem ser tratados, no caso do Contestado, isoladamente, pois constituem unidades homogêneas e se caracterizam pela multiplicidade internamente, envolvendo uma complexidade e flexibilidade em torno da problemática central de análise. Mas, externamente, estão envoltos por uma constelação conceitual, a partir de conexões potencialmente realizáveis, indo desde o espaço, o território, a rede, a região, a paisagem e o lugar no geográfico.

Desta forma, os possíveis conceitos geográficos incluem a categoria espaço como princípio geral, estando este à frente de conceitos como região, território, lugar e paisagem,

sem desprezar outras categorias analíticas. No caso do objeto de pesquisa geográfico sobre o Contestado, a formação do pensamento humano no espaço geográfico, demanda que a constelação conceitual trabalhada nos últimos 28 anos, ultrapasse os conceitos e categorias comumente discutidos na Geografia – estudar e buscar entendimentos sobre as questões que envolvem o Contestado, vão muito além dos conceitos e categorias da Geografia. Pesquisar o Contestado exige ampla abordagem prática, sem desconsiderar as memórias profissionais que fazem a profissão do geógrafo e da geógrafa estar voltada para a pesquisa empírica, valorizando a importância do trabalho de campo, aceitando a interdisciplinaridade como ponto focal de suas análises, tomando como referência primordial o espaço, assim como o território, o lugar e, por fim, a paisagem do Contestado.

Todo conceito é sempre localizado, tanto em termos do conjunto social histórico-geográfico, como carregado de concretude no que concerne os sujeitos-autores e suas ideias, sendo absoluto e relativo, tendo o espaço como caminho pertinente a compreensão científica da realidade - o espaço pode ser considerado um híbrido, incorporando o processo a sua essência. O espaço geográfico precisa ser tido como *um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações* - o que liga o sistema de objetos ao sistema de ações é a intencionalidade que somente a humanidade possui, desta forma, o agir revela a importância do passado e do presente na construção do futuro sendo que o espaço condiciona (mas não limita) a ação, como diria o próprio Milton Santos (2002).

Ao pensarmos o Contestado como região geográfica e território de ação, temos em uma sintonia da ordem universal e da ordem local se orquestrando no lugar como sintetizador. Isso não acontece sem a intermediação do Estado-nação, perpassando pela dialética entre espaço e sociedade, que se impõem sobre a dialética da paisagem (em sua concepção de forma) e sociedade.

Para a Geografia Política e a Territorial, a guerra, por mais cruel que possa parecer sempre foi parte habitual dos seres humanos – a partir dela que muitas civilizações alcançaram êxitos chegando a um patamar de proeminência em seu tempo, devido ao que a Guerra lhe proporcionou em troca, como primazia, prestígio, triunfo, território e riquezas. Nesse sentido, sempre tratamos os acontecimentos relacionado a região do Contestado,

como Guerra do Contestado, mesmo que a historiografia tenha tratado o Contestado como rebelião, revolta, insurreição ou simplesmente como movimento social. Não abrimos mão de caracterizar os acontecimentos do início do século XX no sertão do Paraná e de Santa Catarina como umas das maiores guerra civis ocorridas no continente americano, indo desde a movimentação das forças legalistas até as táticas de domínio do território pela população cabocla (FRAGA, 2019).

Uma série de fatores caracterizam o Contestado como guerra, pois a princípio, tanto o(s) (e)Estado(s), como as elites regionais, caracterizaram a população cabocla como um inimigo ativo organizado, porquanto, principalmente a partir de 1913, havia, entre a maior parte dos caboclos uma espécie de reciprocidade de ação voluntária na luta pela causa – a terra, como elemento basilar. Mas o Contestado vai além, quando possui caráter de fenômeno coletivo, definido por duas circunscrições importantes: o elemento subjetivo - a intenção -, e um elemento político - a organização. Considerando esses fatores, avaliamos o Contestado como guerra, pelo fato dela estar ao serviço dos interesses políticos daquele período histórico, onde, de um lado temos toda uma população cabocla lutando pelo direito à terra e, do outro, os interesses das elites de então, que possuíam o poder e as forças políticas e bélicas para eliminar a resistência cabocla contrária aos interesses imperialistas envolvendo Estado-elites e o Capital estrangeiro que avançava sobre as terras seculares caboclas (FRAGA, 2012).

O desenrolar da Guerra do Contestado foi marcado pelo caráter jurídico, um verdadeiro contrato, uma vez que não existe guerra sem regras, o Contestado seguiu as regras impostas pela República, que conclamava pela ordem social e pela não quebra dos contratos de concessão das terras caboclas para o investidor estrangeiro. No mais, afrontada, a República impõe a lei e a ordem sobre o território do Contestado, resolvendo antes do fim do genocídio lá gerado, um acordo de limites entre os litigantes (as elites latifundiárias) paranaenses e catarinenses. Havia, antes da guerra civil cabocla, uma questão de limites entre os estados Federados e este já estava resolvido desde o início do século XX pela suprema corte de justiça brasileira, mas o Contestado se transformara em algo muito superior os interesses dos dois estados – o Contestado já era uma guerra marcada por condições legais

de dois ou, mesmo, vários grupos hostis, em conflito por forças simultaneamente, recheado por sentimentos populares, por dogmas político-jurídicos e culturais. Podemos afirmar que a Guerra do Contestado se originou pela posse dos territórios do sertão catarinense-paranaense, porém a mesma se avolumou a partir dos interesses políticos e econômicos, fora envolta por questão religiosa de resistência e, seu fim, se deu por meio de estratégias típicas de uma guerra de arrasamento, moderna, inclusive, para aquele momento da história nacional e internacional (FRAGA, 2017).

Quando consideramos o Contestado como guerra, temos que ponderar o fato de que dificilmente a guerra alcança os resultados esperados por qualquer um dos lados envolvidos, seja o das tropas legalistas, que se retiraram em 1915 deixando suas armas para os coronéis que contrataram milícias para fazer a limpeza da região, seja dos caboclos e caboclas que seguiram resistindo depois do massacre de Santa Maria. Muitas pessoas envolvidas e com finalidades diferentes se uniram para promover a Guerra do Contestado, mas no decorrer da mesma, muitas dessas pessoas começaram a se desentender, mas isso também ocorreu no lado legalista, sobremaneira, com a posição do Capitão Matos Costa (FRAGA, 2008).

O Contestado, por se caracterizar com uma guerra civil, conseguiu manter unido o povo caboclo por meio de várias estratégias que perpassam pela guerrilha e pela persuasão do grupo. No Contestado não há um anúncio de paz, pois o objetivo era eliminar toda a população cabocla da região, sua finalização oficial, por parte dos legalistas, se dá por termos vagos, genéricos, ao dizerem que sua missão estava cumprida, pois haviam eliminado a resistência cabocla no grande cerco de abril de 1915, assim, o Exército brasileiro proclama sua vitória, mesmo que por vários meses a região seja varrida pelas milícias dos coronéis que ficaram com o armamento deixado pela República, fato que demonstra que a guerra seguiu até, pelo menos, 1918, com tentativas de retomada de redutos pelo povo caboclo e sua perseguição por todo o território do Contestado (FRAGA, 2015).

Indiscutível, hoje, duvidar de que a ordem era para matar todos e todas, para limpar a região do Contestado abrindo-a para a reocupação daquelas terras por uma onda migratória europeia, sobretudo de italianos e alemães, muitos destes migrantes do Rio Grande do Sul e do litoral catarinense. Mas o Contestado recebera, também, eslavos que concluíram a missão

de transformar o Contestado numa nova Europa, nos céus da América, num processo de branqueamento da população do sertão sulista. As palavras do general Setembrino de Carvalho, comandante do Estado-maior das forças legalistas, resumem o alcançar dos objetivos pelas tropas federais, ele mesmo testemunha o massacre e comunica ao Palácio do Catete que o *último reduto dos fanáticos do Contestado foi varrido da face da terra – e os bandidos se dispersaram pelas matas*. Esses, dispersos pelas matas, serão caçados e eliminados pelas milícias dos coronéis do Contestado nos anos seguintes (FRAGA, 2010). As quatro figuras que seguem, demonstram os caboclos belicosos, em uma fotografia colorida por computador, um grupo de caboclos aprisionados por forças legalistas federais, um acampamento de tropas federais na margem do rio Iguaçu, em Porto União da Vitória e o deslocamento de tropas pela mesma cidades, com destaque para o armamento e a arquitetura europeia que já estava tomando conta do território caboclo, são imagens de Claro Janson, década de 1910.



Por meio da atuação dessas milícias dos coronéis, os conflitos, perseguições e execuções que culminam com o massacre caboclo no Contestado se estenderam até 1918, por meio da limpeza da terra para a recolonização, sobretudo, do vale do rio do Peixe, mas também no Planalto Norte e Oeste Catarinense, Sudoeste, Sudeste e Sul Paranaense. Mas esse período pode ser ampliado na medida que faltam informações sobre os anos posteriores a guerra. Entre 1918 e 1930, período que coincide com a República Oligárquica, há um vácuo de subsídios para se atentar a atuação dos coronéis e suas milícias de caça aos caboclos e caboclas. A partir desse período, surgem mais dados, principalmente relacionado as indústrias madeireiras na região, que promovem a segunda limpeza dos terrenos que estavam sobre domínio da madeireira estadunidense Lumber. Não se pode duvidar, que tais milícia tenham atuado e perseguido o povo caboclo até os anos de 1920, podendo ir além disso, pois no vale do rio do Peixe, na região de Arroio Trinta e Salto Veloso, área de recolonização europeia, há farto registro sobre os colonos “italianos” queimando casas, lavouras e outros pertences caboclos e expulsando os mesmos de suas terras ancestrais, na década de 1930.

Nesse ponto, a Geohistória ajuda no entendimento do movimento socioterritorial do Contestado e, inclusive, permite entender os fatores que levaram à guerra e a guerra em si. Acontecimentos como esse envolvem múltiplas geografias. O apelo para uma Geografia Agrária é salutar, mas a Geografia Urbana se torna secundária, pois a urbanização terá um agravo maior a partir da formação das cidades da colonização europeia no pós-guerra, pois a região da Serra Acima, naquela época, possuía poucas cidades ou vilas, sendo elas: Curitiba, Lages, Campos Novos, Porto União da Vitória, Canoinhas, Palmas e Rio Negro (FRAGA, 2016).

A Geohistória, aqui, por opção e sem hífen, se caracteriza por analisar as formas espaciais, temporais e históricas de um determinado lugar, região ou mesmo território, se se optar pela perspectiva territorial dos estudos, incluindo, inquestionavelmente, os trabalhos de campo que são o suporte primário para entendimento dos fatores que se busca provar. Pouco trabalhada na Geografia universitária brasileira, a Geohistória acaba por se (com)fundir como sinônimo de geopolítica ou mesmo como ramo da Geografia Histórica - Fernand Braudel, sugere a adoção dessa terminologia. Para ele, os subsídios que integram os

numerosos ramos das Ciências Humanas, apontam que a Geo-história deveria ser empregada para uma integração entre geógrafos e historiadores sob os mesmos objetivos, ou seja, fazer com que o historiador passasse a se atentar mais com o espaço geográfico e o geógrafo mais com o tempo. Mas os estudos geográficos, sobretudo os territoriais tiveram um aprofundamento das relações espaço-tempo nos seus estudos contemporâneos, o que pode mostrar que a Geohistória se fundiu com a Geografia brasileira, mesmo que a mesma, a partir de sua produção, não faça menção aos debates que envolveram a Geohistória nas últimas décadas – sendo quase um usar sem perceber, ou mesmo, um esquecimento voluntário (FRAGA, 2019).

Um florescimento dessa questão, ou seja, novos repensares sobre a Geohistória na Geografia, pode ser renovador, sobretudo sobre fatores que seguem negligenciados e demandam a resolução de problemas que teoricamente exigem a multiplicidade de olhares disciplinares das Ciências Humanas e, mesmo, as Sociais. Os processos de formações socioespaciais e/ou socioterritoriais, cujas gêneses estão “perdidas” no tempo histórico, são fundamentais para se entender as dinâmicas socioterritoriais atuais, por exemplo, no Contestado.

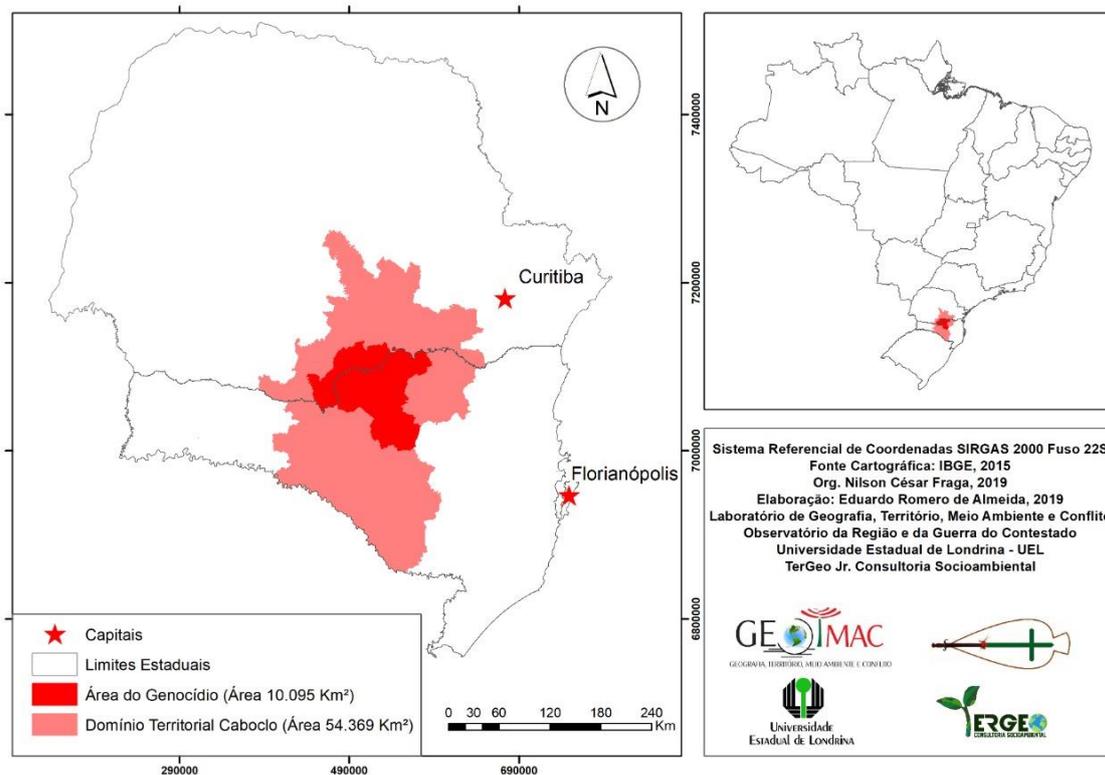
A decomposição do tempo histórico em três diferentes escalas, proposta por Braudel auxilia, ainda, o geógrafo ou a geógrafa que percorre as fronteiras dos conhecimentos produzidos pelas Ciências Humanas: o tempo de curta duração ou dos eventos, o tempo de média duração ou das flutuações cíclicas e o tempo de longa duração, onde as mudanças são tão lentas que se tornam muitas vezes imperceptíveis ao observador. Para a geografia, a escala como medição ou mesmo como recorte do território é um caro conceito, pois não há a análise de um fenômeno espacial sem uma escala geográfica que se adote, denotando diferentes aspectos no espaço e no tempo (FRAGA, 2019).

Estudando o Contestado a mais de duas décadas, percorrendo praticamente todos os espaços da guerra e da territorialização cabocla, foi possível estabelecer uma cartografia ou, uma escala geográfica do domínio caboclo regional no sertão paranaense e catarinense. Mas tal escala geográfica é fruto de escolhas, escolhas feitas a partir de numerosos trabalhos de campo realizados em toda a região, que permitiram dividir um espaço no interior dos dois

estados Federados, que inclui as terras de domínio secular dos caboclos e caboclas, assim com a área onde se desenrolou a Guerra do Contestado, isso pode ser verificado no **Mapa do Território de Domínio Caboclo e da Região do Genocídio da Guerra do Contestado**, onde a cor rosa claro marca o domínio caboclo regional do sertão antes da guerra, que foram verificadas e comprovadas nos últimos 20 anos de trabalhos de campo.

Essa cartografia que apresentamos sobre o Contestado, envolve duas décadas de trabalhos de campo geográfico e ela se divide em duas grandes áreas considerando a divisão municipal oficial atual para o Paraná e para Santa Catarina. A parte representada na cor rosa traz o território do domínio Caboclo, que ocupa uma área de 54.369 km quadrados e, como geograficamente consideramos a Guerra do Contestado como uma guerra de genocídio, na cor vermelha do mapa é apresentada a área do genocídio Caboclo durante a Guerra do Contestado, um região de atuação militar entre 1912 e 1915 e de perseguição e extermínio realizado pelas milícias do coronéis regionais, entre 1916 e 1918, perfazendo 10.095 km quadrados e obedecendo as limites municipais atuais.

Mapa do Território de Domínio Caboclo e da Região do Genocídio da Guerra do Contestado



Tais trabalhos de campo seguem, e eles poderão ampliar essa área no futuro, tanto a de domínio da população cabocla, quanto a da área do genocídio. A parte marcada em vermelho, se caracteriza, ainda, como o epicentro da guerra em si, locais onde se teve os maiores combates e resistência durante a fase da guerra, incluindo o açougue humano, sendo que esse, que marca o genocídio caboclo, pode ser analisado por uma fração contínua de tempo, que se estenderia de 1912 até 1918 (FRAGA, 2010).

Essa cartografia, aqui apresentada, é definida por uma realidade percebida no campo e concebida por meio de leituras de relatos das ações militares legalistas pelo sertão do Contestado, assim como pela, já extensa, bibliografia produzida sobre a região, o povo e a Guerra do Contestado. Depois disso se reelaborou uma reconfiguração mais ampla da área ou do território caboclo e da guerra - o mapeamento em si. Sendo essa, uma forma que dá uma figuração ou uma representação, consistindo em um ponto de vista intelectual e científico que mostra, mas também modifica a percepção da natureza desse espaço

geográfico, caracterizando e dilatando a visão que se tinha até então sobre o sertão caboclo do Contestado. Por fim, essa cartografia, mostra a escala geográfica a partir de um conjunto de representações coerentes e lógicas que acabam por substituir o espaço observado, no caso aqui, o território de domínio caboclo, mesclado com o espaço das ações legalistas e domínio da Guerra do Contestado.

Acreditamos que, desta forma, a memória histórico-geográfica dos oprimidos secularmente no Contestado, precisa ser territorializada - mapeada -, para que eles e elas possam vir a fazer parte dos movimentos socioterritoriais contemporâneos, pois são os descendentes dos sobreviventes do genocídio do Contestado, a base dos que lutam e resistem hoje, naquele que foi o Sertão do Contestado.

O sertão definido como um grande espaço geográfico abrange numerosas terras dos confins do Brasil Colonial, Imperial e, mesmo, Republicano. Foi nele que se um conflito histórico entre o Paraná e Santa Catarina, com uma discussão em torno a distribuição de títulos sobre as atuais propriedades de terras para os sertanejos caboclos, cujos títulos nunca foram alcançados pela população cabocla. A nomenclatura “Guerra do Contestado” é afluente do conflito político entre os estados por questões de limites, deixando um ar de guerra entre ambos os lados por mais de seis décadas, desde a emancipação do Paraná, em 1853, culminando com a própria guerra camponesa ocorrida entre 1912-1916, oficialmente. Sendo que vários motivos podem ter sido utilizados como partida para os interesses das terras catarinenses, a exemplo da exploração de riquezas naturais muito abundantes, a exemplo da cobiçada erva-mate e a madeira, dentre outros (RODRIGUES, 2001).

A construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande no Contestado catarinense, a exploração comercial de madeira e a colonização das terras pertencentes aos caboclos e caboclas do Contestado, são partes importantes para a história de Santa Catarina tanto antes como depois da guerra. Era visível o anseio de imigrantes de conseguirem se tornar proprietários de terras, mas a questão de dificuldades e obstáculos para terem acesso à terra era uma dificuldade principal para os imigrantes denominados como colonos que chegavam empobrecidos e dependiam das Companhias Colonizadoras para adquirir um pedaço de terra

para iniciar a vida – tudo isso estava incluindo no processo de reocupação das terras caboclas e do branqueamento populacional regional (ANPUH, 2011).

Alvo entre disputas e direitos, Paraná e Santa Catarina não chegaram a se envolver em conflitos armados entre as federações, mas os catarinenses continuavam a sua disputa em se conseguir os direitos das terras requisitadas. Nesse momento surgiu um dos principais pontos de início do impasse da região do Contestado, o estado de Santa Catarina busca ter seus direitos de terra levando na justiça para o Supremo Tribunal Federal (STF), tendo em 1904, 1909 e 1910, conseguido ganho de causa pelo território requerido nessas três vezes (MOCELLIN, 2015), tendo tais garantias territoriais reconhecidas pela Suprema Corte em consideração aos limites de Santa Catarina com São Paulo estabelecidos em 1738, quando da criação da Capitania sediada em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis. No decorrer de tais disputas, no início de 1912, um grande número de pessoas agrupavam em volta do monge José Maria, que afirmava ser sucessor do monge eremita João Maria de Agostini, que passou pela região em meados do século XIX, segue na direção Oeste do território contestado, atravessando o rio do Peixe e chegando até o local chamado Banhado Grande, algumas léguas ao Sul de Palmas. Com adeptos conquistados em Curitiba e Campos Novos, o monge Jose Maria chega ao Banhado Grande do Irani e, meses depois, a partir da imprensa paranaense que acusar ser está uma invasão do território que julgava seu, manda um comendo da polícia para expulsar os caboclos e o monge que o seguiam. Tais fatos dão início formal a Guerra do Contestado, nos sertões contestados por Paraná e Sana Catarina (FRAGA, 2013).

A Guerra do Contestado, então, se estende formalmente entre 1912 e 1916, até o Acordo de Limites entre os dois estados e o Governo Federal, em outubro de 2016. São quatro anos de guerra civil, que envolvem 80% do Exército brasileiro, as polícias do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e milhares de milicianos contratados pelos coronéis fazendeiros para eliminar a população cabocla (FRAGA, 2006).

Concluída a Guerra do Contestado, que eliminou milhares de caboclos e caboclas numa verdadeira guerra de genocídio, o território dividido entre os dois estados passou por um processo lento de reocupação, agora com imigrantes europeus que por meio de

companhias colonizadoras nacionais e estrangeiras, repovoam as terras ancestralmente caboclas. Estava concluído o objetivo das elites paranaenses e catarinenses, de erguer uma nova Europa em céus da América, com população branca, mesmo que boa parte fosse eslava e, esse grupo não agradava as elites curitibanas (FRAGA, 2005).

Mas, o sertão caboclo do Contestado que era desprezado pelas elites florianopolitanas e curitibanas desde os tempos do trompeirismo, a partir do século XVIII, seguiria e segue desprezado até os dias atuais pelas governanças estaduais. Tanto no Paraná como em Santa Catarina, as regiões herdadas do Acordo de Limites de 1916, sofrem mais de um século com os parques investimentos públicos, transformadas em bolsões de pobreza, miséria e abandono estatal. Parte desse descaso regional se deve ao fato de parte da população europeia que fez parte da reterritorialização do Contestado tenha se acaboclado, ou seja, incorporou os modos e costumes caboclos, notadamente os descendentes de eslavos, cuja contraposição se dá por meio dos grupos detentores dos meios de produção e de uma burguesia descendente de alemães e italianos, ambos, elites estaduais e burguesias locais-regional, negam a cultura cabocla, desprezando mais de duzentos anos de modo de vida regional formador da civilização e da cultura sertaneja cabocla sul-brasileira (FRAGA, 2013).

A partir de tais fatos negadores e desprezadores da cultura secular regional do Contestado, produzir uma Geografia do Contestado Paranaense se torna uma tarefa difícil, pois faltam políticas públicas de reconhecimento sociocultural caboclo, fato menos contundente em Santa Catarina, onde há maiores possibilidades de produção de uma Geografia do Contestado Catarinense, mas que não se deve as políticas públicas estaduais, pelo contrário, são fruto da resistência, da resignificação e da luta do povo caboclo, sobretudo o da Serra Acima, que vem mantendo associações civil, grupos de debates, fóruns regionais, realização de eventos culturais populares do Contestado Caboclo e, recentemente, tais ações de resistência chegaram até a Assembleia Legislativa de Santa Catarina, com a criação do Fórum Parlamentar de Defesa da Cultura e da Civilização Cabocla, que havia sido criada na região do Contestado catarinense, no final de 2019.

Construir uma Geografia do Contestado na escala de um estado federado, onde tais desdobramentos socioterritoriais aconteceram é difícil, isso pelas próprias escolhas e

hegemonias dos fazeres geográficos acadêmicos atrelados as agências de fomento, que se expandem com maior intensidade quando se imagina as possibilidades de uma Geografia do Contestado para o Brasil. Tais fatores são imperativos para manter o desprezo geográfico sobre os sertões brasileiros, como contribuem para a negação do mundo caboclo, ou seja, deixa-se de fazer geografias sobre grupos sociais marginalizados pela própria ciência geográfica.

Bibliografia

AMADO, Janaína. **Região, Sertão, Nação**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, RJ. Vol. 8, 1995, p. 145-151.

BRASIL. 1988. "Ato das Disposições Constitucionais Transitórias". promulgada em 5 de outubro de 1988", art. 68. Disponível em:
<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/conadc/1988/constituicao.adct-1988-5-outubro-1988-322234-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acessado em: 14/11/2020.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS – CONAQ. “**Quilombo? Quem Somos Nós!**” Disponível em: <<http://conaq.org.br/quem-somos/>>. Acessado em: 14/11/2020.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO – CPI-SP. “**Quilombolas no Brasil**”. Disponível em: <<https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/quilombolas-brasil/>>. Acessado em: 14/11/2020.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II**. 2 vols. São. Paulo: Martins Fontes, 1984. [1949].

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978. [1977].

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo: Séculos XV - XVIII**. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1995. [1979].

BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. [1985].

BRAUDEL Fernand, “A Longa duração”, In **Escritos sobre a história**, São Paulo, Perspectiva, 1992.

FRAGA, Nilson Cesar. **Geografias de tempos de dominação e barbárie: os movimentos socioterritoriais e as escolhas geográficas que negligenciam a formação territorial do Brasil**. In: A Dimensão política no espaço: conflitos e desigualdades territoriais na sociedade contemporânea. Organizadores: Flamarion Dutra Alves [et al.]. Alfenas, MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2019, p. 84-114.

FRAGA, Nilson Cesar. STRADIOTO, Paulo Alessandro. **Geografia Jurídica do(no) Contestado: o processo contra Adeodato Manoel Ramos, 1917, na Comarca Curitibaanos**. Alfenas, MG, 2019.

FRAGA, Nilson Cesar. Turismo de Guerra: a possibilidade de novo tipo de turismo para o Brasil. Marco inicial – guerra do Contestado (1912-1916). **Revista PerCurso: Curitiba em Turismo**, 2002, ano 1, n. 1, p. 43-76.

FRAGA, Nilson Cesar. Contestado: A Grande Guerra Civil Brasileira. In: REZENDE, C. J; TRICHES, I. **Paraná, Espaço e Memória** – diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Ed. Bagozzi, p. 228-255, 2005.

FRAGA, Nilson Cesar. **Mudanças e permanências na rede viária do contestado**: uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR, p.188, 2006.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado em Guerra**: 100 anos do massacre insepulto do Brasil. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

FRAGA, Nilson Cesar. Um território de invisibilidade e miséria: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In: Arno Wehling; Augusto César Zeferino; Aureliano Pinto de Moura; Gunter Axt; Helen Crystine Sanches. (Org.). **100 Anos do Contestado**: memória, história e patrimônio. Florianópolis: Ministério Público de Santa Catarina, 2013, p. 369-392.

FRAGA, Nilson Cesar. **Matos Costa, desde São João dos Pobres, um brilhante município planaltino no Contestado catarinense**. 2013. Disponível em: <<http://desacato.info/matos-costa-desde-a-sao-joao-dos-pobres-um-brilhante-municipio-planaltino-no-contestado-catarinense/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Timbó Grande, o último reduto** – Município planaltino do Contestado Catarinense, cidade das meninas de lábios de mel. 2014. Disponível em: <<http://desacato.info/timbo-grande-o-ultimo-reduto-municipio-planaltino-do-contestado-catarinense-cidade-das-meninas-de-labios-de-mel/>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale da Morte**: o Contestado visto e sentido - "entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná". Blumenau: Editora Hemisfério Sul, 2015.

FRAGA, Nilson Cesar. **Semana do Centenário do Massacre de Santa Maria, Timbó Grande** (22 de março de 2015). Disponível em: <<http://desacato.info/semana-do-centenario-do-massacre-de-santa-maria-timbo-grande/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **A Guerra do Contestado como crime contra a humanidade**: o direito à terra e à vida - (in)certezas sobre o mundo caboclo. FÖETSCH, Alcimara Aparecida; GEMELLI, Diane Daniela; Buch, Helena Edilamar Ribeiro (Org.). Geografia do Contestado: 50 anos de fazer Geográfico. Curitiba: Íthala, 2016, p. 29- 44.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado, cidades, reflexos e coisificações geográficas**. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado, o território silenciado**. Florianópolis: Insular, 2017a.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado**: redes no Geográfico. Florianópolis: Editora Insular, 2017b.

FRAGA, Nilson Cesar. **Territórios e Fronteiras**: (Re)arranjos e Perspectivas. Florianópolis: Editora Insular, 2017c.

FRAGA, Nilson Cesar. Araucaria angustifolia - ganância, imediatismo e extermínio na região do Contestado. In: Nilson Cesar Fraga. (Org.). **Contestado, o território silenciado**. 2ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 2017, p. 269-296.

FRAGA, Nilson Cesar. **Território e Silêncio**: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico. In: Nilson Cesar Fraga. (Org.). Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas. 2ª ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2017, p. 73-90.

FRAGA, Nilson Cesar. **A Cidade Coração do Contestado, história, presente e desafios**. 2018. Disponível em <<http://jornalcaboclo.com.br/index.php/2018/01/25/coracao-do-contestado-o-reconhecimento-e-os-desafios-de-um-municipio-catarinense-palco-central-da-guerra-do-contestado-por-nilson-cesar-fraga/>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Coração do Contestado**: o reconhecimento e os desafios de um município catarinense, palco central da Guerra do Contestado. 2018. Disponível em: <<http://desacato.info/coracao-do-contestado-o-reconhecimento-e-os-desafios-de-um-municipio-catarinense-palco-central-da-guerra-do-contestado/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Dossiê Vale do Contestado**. Ouvidoria do Ministério Público de Santa Catarina. Manifestação n. 20.28.1308.0029282/2019-16, 2019b, 38 p.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale do Contestado, uma morte anunciada, em julho de 2019, pelos que não aceitam a existência da cultura cabocla.** 2019. Disponível em: <<http://desacato.info/vale-do-contestado-uma-morte-anunciada-em-julho-de-2019-pelos-que-nao-aceitam-a-existencia-da-cultura-cabocla/>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale do Contestado, uma morte anunciada, em julho de 2019, pelos que não aceitam a existência da cultura cabocla** (02 de setembro de 2019). Disponível em: <<http://desacato.info/vale-do-contestado-uma-morte-anunciada-em-julho-de-2019-pelos-que-nao-aceitam-a-existencia-da-cultura-cabocla/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Território do Contestado - Sul do Brasil: a Civilização Cabocla e a Guerra do Contestado.** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AvWvpdJIP1s&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0DjaojAi1g206V5BtzNS3aTo7Yut3jYE30HuaXQavVDE_JTUuw3qLBjAA>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar; HOBAL, Michele Aparecida; FERNANDES, Rafael Carlos Prieto. Turismo de Guerra – o roteiro turístico como elemento de desenvolvimento local e regional para o interior na perspectiva de que o “Brasil oferece mais do que praias e carnaval”. Curitiba. **PerCurso: Curitiba em Turismo**, Faculdades Integradas Curitiba, a. 5, n. 5, 2006, p. 137-186.

FRAGA, Nilson Cesar; GOLÇALVES, Cleverson. **Timbó Grande, o último reduto do Contestado:** um território de muitas batalhas. In: *Contestado: cidades, reflexos e coisificações geográficas*. Org. FRAGA, Nilson Cesar. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

FRAGA, Nilson Cesar; GONÇALVES, Cleverson; CAVATORTA, Mateus Galvão. Contestado: o sagrado e o profano de uma guerra secular. **Geografia (Londrina)**, v. 26, n. 1, p. 143-157, 2017.

FILHO, Fadel David Antonio. **Sobre a palavra “Sertão”: Origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica).** In: *Ciência Geográfica*. Bauru, SP. Vol. 15, 2011

HAESBAERT, Rogério. **Território, cultura e des-territorialização.** In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Org.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

JMAIS. **Consulta Pública vai discutir conservação de gruta** (04/07/2016). Disponível em: <<https://www.jmais.com.br/consulta-publica-vai-discutir-conservacao-de-gruta/>>. Acessado em 14 Nov. 2020.

II CONGRESSO BRASILEIRO DA GUERRA DO CONTESTADO
IV COLÓQUIO DE GEOGRAFIAS TERRITORIAIS PARANAENSES
XXXVI SEMANA DE GEOGRAFIA DA UEL

18, 19 E 20 DE NOVEMBRO DE 2020



LACOSTE, Yves. “Braudel Geógrafo”, In **Ler Braudel**, São Paulo: 1989.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **O Sertão**. In: Terra Brasilis. 2003. Disponível em <<http://terrabrasilis.revues.org/341>>. Acessado em 03 Jul. 2020.

MST. **Defender o Maria Rosa do Contestado é reafirmar nossa humanidade**. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/08/20/artigo-defender-o-maria-rosa-do-contestado-e-reafirmar-nossa-humanidade/>, acessado em 14 Nov. 2020.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **O Messianismo e Conflito Social (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916)**. 2º ed. São Paulo, SP. Ática, 1977.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia de Poder**. São Paulo, SP. Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.